

<https://doi.org/10.26512/pl.v11i23.44418>

Artigo recebido em: 12/08/2022

Artigo aprovado em: 17/12/2022

Artigo publicado em: 19/12/2022

O ARGUMENTO DA ALUCINAÇÃO E O ENATIVISMO SENSORIOMOTOR

THE ARGUMENT FROM HALLUCINATION AND SENSORIMOTOR ENACTIVISM

Henrique Stemmer Rodrigues¹

(henriquerodrigues004@gmail.com)

Resumo: Segundo o enativismo sensoriomotor, como elaborado por Alva Noë em *Action in Perception* (2004), a percepção se dá a partir do conhecimento das contingências sensoriomotoras, ou seja, de como o fluxo da sensação muda conforme um perceptor se movimenta e interage com o ambiente. Esta tese implica um comprometimento com o chamado realismo direto, segundo a qual a percepção nos põe em contato direto com o mundo. O argumento da alucinação conclui o contrário disto, que somente é possível ter contato perceptivo com o mundo através de entidades mentais, não diretamente. A principal premissa deste argumento é que alucinações são fenomenologicamente indistinguíveis de percepções verdadeiras. O objetivo deste texto é responder, a partir do enativismo, ao argumento da alucinação, argumentando a favor de uma concepção realista direta da percepção. Para isto, é argumentado que se segue da concepção enativista que alucinações sempre podem ser distintas fenomenologicamente de percepções verdadeiras.

Palavras-chave: Enativismo. Teoria da percepção. Argumento da alucinação. Dados dos sentidos. Filosofia da mente.

Abstract: According to sensorimotor enactivism, as developed by Alva Noë in *Action in Perception* (2004), perception occurs due to the perceiver's knowledge of the sensorimotor contingencies, that is, of how the flow of sensation changes according to their movement. This thesis implies a commitment to the theory of direct realism, according to which our perception puts us in direct contact with the world. The argument from hallucination concludes the opposite of that, that it is only possible to have perceptual contact with the world through mental entities, not directly. The main premise of this argument is that hallucinations are phenomenologically indistinguishable from veridical perception. The goal of this text is to argue through the framework of enactivism against the argument from hallucination and for a direct realist conception of perception. It is argued that it follows from the enactivist approach that hallucinations can always be phenomenologically distinguished from veridical perception.

Keywords: Enactivism. Theory of perception. Argument from illusion. Sense data. Philosophy of mind.

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador em nível de Iniciação Científica.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4206476675297814>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1213-4172>.



INTRODUÇÃO

A tese principal da teoria da percepção enativista é que a percepção é constituída essencialmente pelas habilidades sensoriomotoras daquele que percebe. É a favor disso que argumenta Alva Noë em *Action in Perception* (2004). Para ele, um perceptor deve aprender os padrões sensoriomotores para ter experiências perceptivas, isto é, aprender como os movimentos geram mudanças no fluxo da sensação, e sempre estar disposto a se movimentar, sabendo o que esperar do seu movimento e aprendendo os novos padrões que se apresentam conforme ele explora o mundo ativamente.

Como um exemplo paradigmático, Noë pensa em uma pessoa cega que tateia uma sala para compreender a sua disposição espacial (2004, p. 1). Para essa pessoa, o movimento, associado à sensação tátil, é constitutivo da percepção da sala. Sem movimento, ou seja, sem atividade, ela não conseguiria perceber nada. Segundo o enativismo sensoriomotor, todos os sentidos se aproximam do tato dessa forma, todos eles dependem da ação. Quando olhamos ao redor, movimentamos nossos olhos de um lado para o outro com completa naturalidade, nos movemos um pouco para enxergar um objeto de outro ângulo, de forma a perceber o seu tamanho ou formato, o mesmo pode ser dito quanto à audição quando viramos para escutar de qual lado veio um ruído (NOË, 2004, p. 1).

Segundo Michael Beaton (2016), o enativismo dá apoio para o realismo direto, a ideia de que a nossa percepção nos põe em contato direto com o objeto da nossa experiência, Noë afirma que “[...] a percepção, de acordo com o enfoque enativista, é direta e não inferencial” (2004, p. 85)²; esta ideia é contraposta por outras teorias da percepção, como o representacionalismo e a teoria dos dados dos sentidos, segundo as quais a percepção nos põe em contato somente com entidades mentais intermediárias, mas não diretamente com o mundo. Para a teoria enativista, quando percebemos, percebemos o mundo diretamente, através das nossas habilidades sensoriomotoras – do conhecimento sobre a forma estruturada que as nossas sensações se modificam conforme nós nos movimentamos no mundo ao longo do tempo – quando fazemos isso “[...] não há uma coisa intermediária chamada ‘experiência’ com a qual nossa compreensão engaja-se; a experiência é o engajamento ativo da compreensão com o mundo” (BEATON, 2016, p. 266)³.

² “[...] perception, according to the enactive approach, is direct and noninferential”

³ “[...] there is no intermediate thing called ‘experience’ that understanding engages with; experience is the active engagement of the understanding with the world”.



Há dois argumentos que contrariam o realismo direto e, assim, o enativismo sensoriomotor: o argumento da ilusão e o argumento da alucinação, ambos concluem que nossos sentidos nunca nos põem em contato direto com os objetos que acreditamos perceber, somente com objetos mentais intermediários, que possuem as características que percebemos. Neste texto, eu vou defender a posição realista direta do enativismo, de que nossa percepção nos põe em contato direto com o mundo, contra especialmente o argumento da alucinação. Eu farei isto a partir da elaboração do enativismo sensoriomotor feita por Alva Noë em *Action in Perception* (2004). Na seção a seguir, eu apresento brevemente as características principais do enativismo sensoriomotor, depois, eu apresento o argumento da ilusão e algumas respostas a ele a partir do ponto de vista enativista. Nas duas seções seguintes do texto, eu apresento o argumento da alucinação e desenvolvo duas formas que o enativismo poderia responder a este argumento. Por fim, eu respondo a duas possíveis objeções às minhas respostas ao argumento da alucinação.

1 TEORIA ENATIVISTA⁴

184

Para entendermos o enativismo, é importante entender como esta teoria sugere que a experiência perceptual adquire conteúdo. Tomando novamente o tato como parâmetro, imaginemos que estamos segurando uma garrafa na nossa mão (NOË, 2004, p. 60; O'REGAN e NOË, 2001, p. 88). A nossa percepção dela não é caracterizada por nenhuma qualidade única da nossa sensação tátil, mas sim por um padrão de sensações e movimentos que ocorre, ao longo do tempo, conforme sondamos o objeto que temos em mãos (NOË, 2004, p. 15). A sua circularidade, por exemplo, pode ser definida sem mesmo recorrer a sensações, apenas como uma forma específica que o objeto impede nosso movimento, ou seja, a forma que temos que mover nossas mãos ao redor dele para senti-lo (que, no caso da garrafa cilíndrica, é caracteristicamente diferente da forma que movimentamos nossas mãos ao redor de um cubo). O que nos permite ter experiências táteis de alguns objetos como redondos, outros como quadrados, é o nosso conhecimento dos padrões sensoriomotores envolvidos na experiência. Ou seja, nosso conhecimento (implícito e prático) da forma como a sensação muda de acordo com os nossos movimentos. Para o enativismo, este conhecimento sensoriomotor é a base para

⁴ Para uma elaboração mais aprofundada da teoria enativista em português, recomendo Vergara (2019, p. 124).



a percepção. Assim como a percepção tátil, nossa percepção visual somente pode ser compreendida enquanto ativa: quando vemos uma cena à nossa frente, não a tomamos inteiramente de uma vez só, temos de olhar ao redor, sondar o ambiente, conscientes dos padrões sensoriomotores envolvidos e das consequências de possíveis movimentos (NOË, 2004, p. 1). Além disso, da mesma forma que a circularidade da garrafa é definida pelo movimento que temos que fazer com as mãos, a forma de um objeto visual é caracterizada por quanto ele ocupa do nosso campo visual, ou pelo movimento que temos que fazer com os olhos para ir de uma borda à outra (NOË, 2004, p. 15). Assim, a experiência perceptual adquire conteúdo através da nossa aplicação temporalmente estendida do conhecimento dos padrões sensoriomotores.

Outra ideia importante para esta explicação é a de percepção amodal (NOË, 2004, p. 61). Continuando o exemplo da garrafa, quando percebemos um objeto em nossas mãos, ele se apresenta como inteiramente presente, mesmo que só estejamos em contato com uma parte da sua superfície. Neste caso, percebemos o resto da garrafa *na sua ausência* (NOË, 2004, p. 60). Para o enativismo, isso se dá porque, mesmo que não tenhamos contato total com ela, a garrafa está disponível para ser tateada por nós, ou seja, ela tem uma disponibilidade sensoriomotora. Esse fenômeno ocorre de muitas maneiras na visão também. Por exemplo, se vemos um gato através de uma cerca de madeira, de forma que somente parte dele está visível, ainda o percebemos como inteiro (NOË, 2004, p. 60). É importante notar que este não é um caso de engano dos sentidos, pois nós percebemos o gato como inteiro ao mesmo tempo que compreendemos que apenas estamos vendo parte dele. Percebemos, então, a integridade da garrafa e do gato *amodalmente*.

O conceito de percepção amodal é essencial para resolver o que Noë chama de o problema da presença perceptual (2004, p. 59). Esse problema consiste no fato de que normalmente tomamos nossa visão como sendo altamente detalhada, mas tanto estudos empíricos⁵ (NOË, 2004, pp. 51-52) quanto o próprio enativismo nos fazem acreditar que ela somente é detalhada no centro do campo visual e quando estamos prestando atenção naquilo que vemos, sendo muito difícil perceber detalhes de objetos fora deste espaço. Segundo a teoria sensoriomotora, o nosso campo visual está presente detalhadamente para nós da mesma forma

⁵ Um fenômeno que exemplifica isso é conhecido como cegueira à mudança. Um exemplo disso: é pedido que você conte quantas vezes um time passa uma bola num jogo, mas no meio disso passa alguém fantasiado de gorila. A maioria das pessoas não percebe o gorila (Simons e Chabris, 1999). Um leitor interessado pode procurar pelo vídeo ‘selective attention test’ no YouTube (https://www.youtube.com/watch?v=vJG698U2Mvo&ab_channel=DanielSimonsDanielSimons) e fazer o teste.



que a garrafa está presente como inteira: amodalmente (NOË, 2004, p. 73). Para demonstrar isso, é só prestarmos atenção no número de vezes que movemos nossos olhos para perceber uma cena. Nosso campo visual aparenta ser detalhado porque, assim como à garrafa, temos acesso a todo ele em um determinado momento, mas não de uma só vez. Assim, a nossa percepção altamente detalhada do mundo é real, mas deve ser atualizada pela ação.

Segundo Noë, nós usamos o mundo como uma memória externa⁶. Nós percebemos o que está ao nosso redor como detalhado não porque o ambiente está todo guardado na nossa memória, mas sim porque ele está sempre disponível, através de um pequeno movimento dos olhos ou da cabeça (NOË, 2004, p. 50).

Uma consequência importante da ideia de que a percepção é ativa é que ela só pode ser considerada enquanto estendida no tempo (NOË, 2004, p. 136). Para o enativismo, não há percepção *em um dado momento*, na medida em que a percepção é constituída pelo fluxo das sensações e pelo nosso conhecimento sensoriomotor. Voltando ao exemplo do tato, não podemos dizer que uma pessoa cega de fato percebeu completamente um objeto se ela não teve tempo para interagir propriamente com ele. A teoria enativista expande esta requisição para todas as modalidades de percepção: para que possamos dizer que uma pessoa percebe visualmente no sentido completo, ela precisa ser capaz de interagir com o ambiente e esta percepção deve ser considerada enquanto ocorrendo ao longo do tempo, não como instantânea. Isto contrasta fortemente a teoria enativista com o que Gibson chama de a *visão instantânea da percepção*, segundo a qual a percepção ocorre a partir de estímulos instantâneos sobre os órgãos sensoriais (GIBSON, 2015, p. xiii; CARVALHO, 2022, p. 369)

Resta ao enativismo explicar como a nossa percepção visual adquire conteúdo tridimensional, sendo que nossos olhos somente captam imagens em duas dimensões. Na visão, há uma discrepância superficial entre a aparência dos objetos e a nossa experiência deles. Por exemplo, quando vemos uma árvore de longe, ela parece ser pequena, e parece aumentar de tamanho conforme nos aproximamos dela. Outro exemplo é o de um prato circular que, visto de um ângulo, tem uma aparência elíptica, mas mesmo assim sabemos que ele é circular.

A forma que Noë descreve o problema da árvore é uma contradição à primeira vista: dizemos que a árvore está aumentando, mas *também* dizemos que seu tamanho se mantém o mesmo (nenhum perceptor em condições normais realmente consideraria que ela está ficando maior) (2004, p. 79). A solução sensoriomotora para essa aparente contradição é que, quando

⁶ Para uma elaboração de como características externas do mundo podem ser constitutivas de estados mentais, ver Clark e Chalmers (1998).



dizemos isso sobre a árvore, estamos falando do seu tamanho em *dois aspectos diferentes* (NOË, 2004, pp. 82-84). O primeiro refere-se ao espaço que ela ocupa no nosso campo visual, e o segundo ao espaço que realmente acreditamos que ela ocupa no mundo. Para chegar da aparência do objeto à forma como ele se apresenta para nós, precisamos conhecer o *perfil sensoriomotor* do objeto (NOË, 2004, p. 78), que é a maneira que ele se comporta, suas possíveis aparências, de acordo com diferentes movimentos que fazemos em relação a ele. Um cubo, por exemplo, tem um perfil sensoriomotor específico, e uma vez que conhecemos esse perfil, somos capazes de perceber cubos.

Para lidar com a diferença entre aparência e realidade, Noë introduz a ideia de propriedades perspectivais, ou propriedades-P, que são as *propriedades aparentes* dos objetos que vemos, ou seja, a forma como eles aparentam para nós (2004, p. 83). No caso da árvore, o que muda é o seu tamanho-P, enquanto seu tamanho real permanece igual. O mesmo pode ser dito quanto ao prato: sua forma-P, quando visto deste ângulo, é elíptica, enquanto sua forma no mundo é circular, se eu o visse de cima, sua forma-P também se tornaria circular.

Ao falar das propriedades-P, Noë enfatiza que elas são propriedades reais das relações entre objetos e pontos de vista que podem ser expressas por relações matemáticas (2004, p. 83). O fato de elas serem relacionais não as torna dependentes de perceptores, na medida em que um cubo teria o seu perfil sensoriomotor mesmo que não houvesse ninguém para percebê-lo. Isso será importante para a minha resposta ao argumento da ilusão mais abaixo.

A nossa experiência perceptual, então, é dependente do nosso conhecimento sensoriomotor, na medida em que a ‘mera sensação’ não basta para que nossa percepção tenha conteúdo, para isso é necessário o movimento, ou a possibilidade dele.⁷ Apesar de ter um papel na percepção, a sensação pura importa menos que os padrões de mudança dela, e o conhecimento de tais padrões.

Noë apresenta alguns exemplos da bibliografia científica que dão apoio ao enativismo, dos quais os mais notáveis são o dos óculos que invertem a visão (NOË, 2004, pp. 7-11; KOHLER, 1964) e o Sistema Tátil de Substituição Visual (TVSS) (NOË, 2004, pp. 26-27; BACH-Y-RITA, 1972, 1983, 1984, 1996). O primeiro demonstra que, mesmo que haja

⁷ Aizawa (2015) traz como objeção a teorias dinâmicas da percepção a possibilidade de percepção mesmo quando o corpo está sob o efeito de bloqueios neuromusculares, afirmando que, se a experiência perceptual é possível mesmo nestes casos, em que o movimento é impossível, é difícil dizer que o movimento, e assim o corpo, tenha um papel constitutivo na percepção (2015, p. 157). Uma resposta possível pelo ponto de vista enativista é que, mesmo que o movimento esteja minimizado, o perceptor já teve a oportunidade de descobrir os padrões sensoriomotores, e neste processo o movimento foi constitutivo. Mesmo que o bloqueio neuromuscular esteja ativo naquele momento, ele não elimina o papel que o movimento teve no passado.



sensação, ela não tem conteúdo se não houver o conhecimento dos padrões sensoriomotores relacionados àquela sensação. O segundo exemplo mostra que é possível haver percepção visual mesmo na ausência de estímulo dos olhos e do córtex visual.

O experimento dos óculos que invertem a visão, feito por Ivo Kohler (1964), obteve respostas que favorecem fortemente a perspectiva enativista. Neste experimento, o sujeito utilizava um par de óculos que fazia com que a imagem que ele via ficasse invertida horizontalmente. Como esperado, o sujeito locomovia-se com dificuldade nos primeiros dias do experimento, ele conseguia identificar algumas coisas, como carros e árvores, mas os objetos moviam-se de forma completamente inesperada. Noë chama este fenômeno de cegueira experiencial, isto é, quando se têm sensações visuais, mas não se têm percepções. O sujeito de Kohler estava, então, parcialmente cego experiencialmente.

Para o enativismo, essa resposta seria esperada, já que o sujeito não domina os padrões sensoriomotores que regem sua visão. No entanto, o enativismo também prevê que, uma vez que o sujeito tem tempo de interagir com o ambiente e se acostumar às novas contingências sensoriomotoras, ele deve conseguir enxergar novamente. De fato, é isso o que acontece. No estágio final de adaptação, após fazer diversas atividades interativas que utilizam a visão, o sujeito reportou que a sua experiência visual ficou desinvertida (NOË, 2004, p. 9). Além disso, depois da remoção dos óculos, ele teve que passar pelo mesmo processo para se acostumar novamente à visão normal (NOË, 2004, p. 10).

Esta conclusão reforça muito a tese sensoriomotora da percepção, na medida em que ela mostra que somente a sensação não é suficiente para a percepção, e também que uma sensação anômala, neste caso horizontalmente invertida, pode não resultar em percepção invertida, pois o que é responsável pelo conteúdo da visão é o conhecimento das contingências sensoriomotoras pelo perceptor.

O segundo exemplo, do TVSS, refere-se ao estudo feito por Bach-y-Rita (1972, 1983, 1984, 1996). O TVSS é um sistema criado para permitir que pessoas cegas enxerguem. Para isso, é montada uma câmera sobre a cabeça do sujeito, de forma que ela acompanha os movimentos dele. Esta câmera é conectada a uma série de eletrodos que produzem vibrações em alguma parte da pele do perceptor, a intensidade e disposição destas vibrações mudam de acordo com a imagem recebida pela câmera.

Como resultado, depois que os sujeitos puderam andar ao redor de uma sala por algum tempo, eles não sentem mais somente as vibrações, e são capazes de identificar, com base no estímulo da pele, objetos tridimensionais com alguma clareza, assim como



a disposição espacial da sala em que se encontram. Assim como no primeiro exemplo, uma conclusão a que se chega aqui é que o que caracteriza uma percepção não são as características da sensação em si, mas sim o conhecimento das contingências sensoriomotoras que a regem (NOË, 2004, p. 27; O'REGAN e NOË, 2001, p. 87). Uma vez que o perceptor conhece os padrões sensoriomotores associados às vibrações, elas deixam de ser apenas cócegas na pele e adquirem conteúdo tridimensional.

A outra conclusão importante está relacionada à ideia enativista de que a percepção é corporificada. Segundo Noë, a percepção gerada pelo TVSS pode ser, em alguma medida, considerada visual, afinal, ela é mediada em grande parte pelos mesmos padrões sensoriomotores que a visão, e o sujeito é capaz de perceber objetos que normalmente só podem ser percebidos pela visão (2004, p. 27). A importância disso é mostrar a possibilidade de uma experiência visual sem o envolvimento dos olhos ou do córtex visual, o que dá lastro para a afirmação enativista de que a visão não ocorre somente no cérebro, e sim que é um fenômeno corporal. Também é importante notar que a experiência visual a partir do TVSS somente pode ser entendida enquanto temporalmente estendida, uma vez que os perceptores precisam interagir com o ambiente ao longo do tempo, e que as características visuais somente aparecem quando eles prestam atenção no fluxo das sensações, que ocorre ao longo do tempo, o que reforça a tese enativista da não-instantaneidade da percepção.

Para o enativismo, a percepção não pode ser considerada como algo que acontece somente no cérebro, ou mesmo no cérebro e nos órgãos sensoriais relevantes. Ela é um fenômeno completamente corporal (NOË, 2004, p. 2). Como um exemplo disso, Noë pede que imaginemos uma pessoa em um avião que está decolando. Mesmo que as janelas estejam fechadas, e assim a sua sensação visual não mude, ela ainda percebe a parte da frente do avião como se erguendo (NOË, 2004, p. 26). Neste caso, o que é responsável pela percepção visual não é o que chega aos olhos, mas sim a sensação corporal.

Este tipo de experiência permeia toda a nossa percepção, não só a relação entre visão e corpo. Podemos tomar também o TVSS, apresentado acima, como exemplo: se é possível perceber visualmente sem utilizar os olhos, então fica difícil dizer que os olhos em si são responsáveis pela experiência visual. Em um sentido mais geral, toda a nossa experiência está profundamente conectada ao nosso movimento corporal através das contingências sensoriomotoras, de tal forma que ignorar o papel do corpo na percepção seria negligenciar uma parte importante de como é perceber. Neste caso, a percepção visual é constituída por todas as capacidades que o perceptor tem de ativamente mover-se no espaço,



assim como pela sua propriocepção e pelas sensações causadas propriamente pelo TVSS. Quando percebemos com os olhos, o corpo tem um papel igualmente importante, possibilitando o movimento ativo e a exploração das contingências sensoriomotoras.

Ao longo do livro, Noë enfatiza algumas características sobre o conhecimento sensoriomotor. Em primeiro lugar, é importante ter em mente que ele é um conhecimento prático (NOË, 2004, p. 117). Noë não pretende afirmar que, para que eu tenha experiência perceptiva, é necessário que seja possível explicitar em proposições os padrões sensoriomotores que mediam a minha percepção. Basta que eu saiba como navegar por estes padrões, e seja capaz de esperar as consequências relevantes dos movimentos para poder experimentar o mundo.

Em segundo lugar, nossa experiência do mundo é direta e não-inferencial (NOË, 2004, p. 85). De fato, percebemos como as coisas são a partir de suas aparências, mas essa percepção não ocorre em dois passos para Noë, e sim em um. Retomando o exemplo do prato circular: quando eu percebo a sua circularidade através da sua aparência elíptica, eu não estou *inferindo* a sua circularidade, mas sim a percebendo diretamente *na* elipticidade. A minha experiência do prato dá-se através do meu encontro com ele e do meu uso das habilidades sensoriomotoras apropriadas. Este ponto fica mais claro no trabalho posterior de Noë, em especial em *Concept Pluralism* (NOË, 2015), onde ele argumenta que a nossa compreensão é expressa diretamente na ação (NOË, 2015, p. 14).

Isso não significa que seja impossível que a minha percepção do prato esteja errada, e que ele seja de fato elíptico. Nesse caso, meu engano decorre do uso impróprio das minhas habilidades sensoriomotoras, e é o que pode ser dito quanto à maior parte das ilusões de óptica (NOË, 2004, p. 86).

2 ARGUMENTO DA ILUSÃO

A teoria dos dados dos sentidos afirma que não percebemos o mundo diretamente, mas sim através de dados dos sentidos, entidades mentais que possuem as propriedades que ordinariamente pensamos pertencer aos objetos físicos independentes da mente. Assim, quando eu digo que vejo um tomate, não estou de fato vendo um tomate no mundo, mesmo que haja



um tomate que esteja conectado causalmente a esta percepção, mas sim um dado dos sentidos que é vermelho, redondo, e se parece com um tomate.⁸

Essa teoria é incompatível com a teoria sensoriomotora da percepção por alguns motivos. Em primeiro lugar, segundo ela, o perceptor não precisa de conhecimentos sensoriomotores para conseguir perceber o mundo. Em segundo lugar, para o enativismo a percepção é direta: quando eu percebo o tomate, eu o percebo diretamente, enquanto para a teoria dos dados dos sentidos a nossa percepção nunca é diretamente direcionada ao mundo, ela é sempre intermediada pelos dados dos sentidos. *Eles* são causados por estímulos sensoriais do mundo externo, mas eu nunca percebo esses estímulos diretamente.

Se a teoria dos dados dos sentidos estiver correta, então o enativismo precisa no mínimo de uma revisão, se não for descartado completamente. Nesta seção, eu vou apresentar o argumento da ilusão, um dos principais argumentos a favor da existência de dados dos sentidos.

É importante notar aqui que, enquanto eles são usados principalmente para defender os dados dos sentidos, o argumento da ilusão e o da alucinação não concluem necessariamente a existência de dados dos sentidos. Os objetos mentais de que estamos conscientes podem ser, por exemplo, representações.

191

Uma ilusão, para os fins deste texto, é entendida como uma experiência sensorial de algo que de fato existe no mundo, mas que não possui as propriedades que se apresentam para nós. Ela se diferencia de uma alucinação, que é entendida como uma experiência de algo que não existe no mundo. Nesta seção, eu tratarei do argumento da ilusão, enquanto o argumento da alucinação será tratado mais abaixo.

O argumento da ilusão recorre à diferença entre as propriedades reais dos objetos e suas propriedades meramente percebidas, que não precisam existir nos objetos. Por exemplo, um canudo parcialmente submerso num copo com água se apresenta visualmente para nós como estando torto, devido à refração, mesmo que na verdade ele esteja reto (AYER, 1940, p. 3). Outro exemplo é quando aproximamos um objeto, nosso dedo por exemplo, do olho, e o enxergamos dobrado (AYER, 1940, p. 3; CARVALHO, 2015, p. 86). Nestes dois casos, aquilo que se apresenta para nós não é algo no mundo, visto que o canudo está reto e só existe um dedo, quando vemos dois. Se não existem tais propriedades no mundo real, segue o argumento, então o que está sensivelmente presente para nós quando vemos o canudo torto? O defensor dos

⁸ Esta apresentação da teoria dos dados dos sentidos e do argumento da ilusão é parcialmente baseada na explicação de Noë (2004, pp. 79-80) e na elaboração de Ayer (1940, 1967) e de Firth (1964). Para um resumo geral desta teoria, recomendo Fish (2010, p. 11).



dados dos sentidos responde que deve ser um objeto mental, na medida em que não pode ser algo mundano. A partir daí, são postulados os dados dos sentidos.

A primeira parte deste argumento pode ser formalizada da seguinte forma:

1. Quando um indivíduo é vítima de uma ilusão, uma coisa aparece para ele de uma forma diferente da que ela é no mundo;
2. Aquela propriedade da qual ele está sensorialmente consciente não está presente no mundo;
3. Logo, ele está consciente de um objeto mental, um dado dos sentidos, que tem as propriedades das quais ele está consciente.

Uma vez aceita a existência dos dados dos sentidos, é feito um passo generalizador, concluindo que os dados dos sentidos não estão presentes somente em casos de ilusão, como também em casos de percepção verdadeira. Para isso, são tomadas duas premissas: a primeira é que objetos fenomenologicamente indistinguíveis são da mesma natureza, e a segunda é que as ilusões são fenomenologicamente indistinguíveis de suas contrapartidas verdadeiras. O objetivo destas duas proposições é mostrar que experiências ilusórias e verdadeiras compartilham um elemento fundamentalmente comum. No caso do canudo imerso na água, por exemplo, não há uma diferença significativa entre a forma que um canudo realmente quebrado e um canudo ilusoriamente quebrado se apresentam. Então, segue o argumento, não teríamos motivo para dizer que os casos de ilusão e de experiência verdadeira são fundamentalmente diferentes em sua natureza. Se a natureza das ilusões é dado dos sentidos, então podemos concluir que a natureza das nossas percepções verdadeiras também é.

Este passo generalizador pode ser formalizado da seguinte forma:

1. Objetos fenomenologicamente indistinguíveis são da mesma natureza;
2. A ilusão é fenomenologicamente indistinguível de uma experiência verdadeira;
3. Logo, assumindo 3, experiências verdadeiras também são de dados dos sentidos.

3 A RESPOSTA DE NOË

Na seção que trata da teoria dos dados dos sentidos, Noë apresenta brevemente uma resposta ao argumento da ilusão, objetando às premissas quatro e cinco. É importante notar que ele oferece outros argumentos contra a teoria dos dados dos sentidos em



si, mas que não serão tratados aqui porque o foco deste texto são o argumento da ilusão e o da alucinação. Eu argumentarei que estas objeções não são necessárias, visto que a teoria Enativista nos permite objetar à primeira premissa.

3.1 As respostas de Noë - objetando às premissas 4 e 5

A primeira objeção de Noë, seguindo Austin (1993) é que, do fato de que duas coisas são indistinguíveis para alguém não se segue que elas têm a mesma natureza:

Em geral, há uma diferença entre a forma que as coisas aparecem ou soam, digamos, e a forma que elas aparecem ou soam *para alguém*. Na mesma moeda, parecer um Rembrandt *para alguém* pode não ser evidência muito forte de que uma pintura realmente *parece* um Rembrandt (NOË, 2004, p. 80, ênfases do autor)⁹.

O argumento feito aqui é que, assim como a natureza de uma pintura não é definida pela forma que uma pessoa específica a percebe, a natureza de uma ilusão não é definida pela forma como eu a percebo. Então, se eu for iludido pelo canudo imerso na água, não se segue que o conteúdo que se apresenta para mim na experiência seja completamente indistinguível do canudo que está de fato torto e, assim, que eles sejam da mesma natureza. O importante a ser tomado desta objeção é que ela rejeita o passo generalizador do argumento da ilusão, negando que as nossas percepções verídicas são constituídas por objetos mentais.

A segunda objeção oferecida por Noë, também seguindo Austin, é que, na maioria dos casos, as ilusões estão longe de serem indistinguíveis de seus equivalentes verídicos. Voltando ao exemplo do canudo torto, ele explica:

Austin percebeu isto quando ele observava que a experiência de um graveto reto que parece dobrado em um copo com água é totalmente diferente da experiência de um graveto dobrado. Em primeiro lugar, tem um copo com água! (NOË, 2004, p.80)¹⁰

⁹ “In general, there is a difference between how things look or sound, say, and how they look and sound *to one*. By the same token, looking like Rembrandt *to one* may not be very strong evidence that the picture *looks like* a Rembrandt”.

¹⁰ “Austin noticed this when he observed that the experience of a bent-looking straight stick in a beaker of water is altogether unlike the experience of a bent stick. For one thing, there is a beaker of water!”



O objetivo aqui é objetar à premissa que afirma que objetos ilusórios e verídicos são indistinguíveis, base para a afirmação que eles têm a mesma natureza. Noë traz vários exemplos, como os contornos ilusórios da figura de Kanizsa (NOË, 2004, p. 61) e a aparência retangular da sala de Ames¹¹ (NOË, 2004, p. 81) que pretendem demonstrar que, quando o teórico dos dados dos sentidos afirma a indistinguibilidade entre estes dois tipos de experiência, ele está fazendo uma caracterização errada de como realmente experienciamos ilusões.

Elaborando melhor esta objeção de Noë: tanto no exemplo do canudo quanto no do dedo, há elementos na nossa própria percepção que atestam a diferença entre estes casos e seus equivalentes verídicos. Tomando o exemplo do canudo - podemos interpretar o argumento de Noë como afirmando que a teoria sensoriomotora é capaz de responder que, tendo os conhecimentos corretos, ou seja, uma vez que já interagimos suficientemente com objetos parcialmente submersos, podemos esperar que o canudo aparente dobrado sem ser iludidos. Neste caso, prestamos atenção em outras características da percepção que atestam que o canudo não está de fato torto, mas sim que é um efeito causado pela água. O mesmo pode ser dito sobre o dedo; é uma característica da nossa percepção visual, em especial porque temos dois olhos, que algumas imagens aparentem dobradas. Qualquer um que está acostumado à visão binocular compreende esta imagem dupla como algo normal. Afirmar que esta experiência é indistinguível de uma, em que de fato há dois dedos não corresponde à nossa própria experiência. É importante ter em mente que os conhecimentos necessários aqui são do tipo prático e sensoriomotor, e não conhecimentos de leis como da refração.

3.2 Objetando às premissas 1 e 2

Outra possibilidade é afirmar que o argumento da ilusão não nos autoriza a introduzir objetos mentais nem mesmo nos casos de ilusões convincentes. Isso se dá porque o seu objeto não está na nossa mente, mas sim no mundo. Retornando à percepção tridimensional e às propriedades-P, podemos lembrar que as relações entre os perceptores e os objetos no mundo são perfeitamente reais ou objetivas, “[...] se há uma divisão entre mente e mundo (num sentido

¹¹ A figura de Kanizsa é composta por algumas linhas e círculos desenhados de tal forma que é como se houvesse um triângulo cobrindo parte dos círculos, mas os contornos do triângulo não estão desenhados. A sala de Ames é uma sala trapezoidal que, quando vista de um ângulo, parece retangular, de tal forma que objetos de um lado parecem muito grandes, enquanto os do outro (por estarem na parte mais distante do observador) parecem muito pequenos.



cartesiano, uma divisão entre o interior mental e o exterior não mental), então as propriedades-P estão firmemente no lado do mundo desta divisão” (NOË, 2004, p. 83)¹², afirma Noë.

Se as propriedades-P estão no lado mundano das coisas, por que não poderíamos argumentar que as ilusões também estão? O canudo torto, por exemplo, é um caso de refração, e a aparência torta que experienciamos é uma propriedade da nossa relação perspectival com o canudo e a água, que, assim como as propriedades-P, pode ser expressa em uma relação matemática. Poderíamos até mesmo dizer que o canudo está de fato visualmente torto, assim como o prato circular está visualmente elíptico. O mesmo pode ser dito sobre outras ilusões usadas pelo argumento da ilusão, uma vez que todas elas são produtos de uma relação entre o perceptor e o mundo e não são menos reais do que propriedades-P.

Outros exemplos de ilusão que os teóricos dos dados dos sentidos consideram como mentais incluem: uma estrela que descrevemos como muito pequena, mesmo sabendo que ela é grande, um truque de mágica em que uma mulher parece ter sido decapitada, quando na verdade ela está usando um saco preto sobre a cabeça e nós a vemos contra um fundo preto, imagens em espelhos, e o caso da visão dupla apresentado acima (AYER, 1940, pp. 3-4). Todos eles podem ter respostas semelhantes. A estrela é um caso de perspectiva básica, que já foi respondido na seção sobre o enativismo, no truque da mulher decapitada não temos nenhum motivo para introduzir dados mentais, afinal aquilo que estamos experienciando de fato corresponde ao que há no mundo - uma mulher com a cabeça oculta. As imagens especulares, assim como o canudo, podem ser expressas por relações matemáticas muito claras e explicadas pelas leis da óptica. Por fim, a visão dupla pode ser explicada simplesmente porque temos dois olhos.

195

4 ARGUMENTO DA ALUCINAÇÃO

O argumento da alucinação tem a mesma estrutura que o argumento da ilusão, mas no lugar de uma ilusão, é usada uma alucinação como braço de alavanca para introduzir os dados dos sentidos. Para isso, podemos usar vários exemplos reais, mas basta que seja concedida a mera possibilidade de uma alucinação com as características descritas para que o argumento

¹² “[...] if there is a mind/world divide (in the Cartesian sense a divide between the mental interior and the nonmental outside), then P-properties are firmly on the world side of the divide”.



seja possível, mesmo que ela seja extremamente rara ou dependente de circunstâncias muito específicas.

Existem vários casos imagináveis de alucinação que podem ser usados, mas (seguindo FIRTH, 1964) eu vou usar a alucinação de Macbeth como paradigma. Na peça de Shakespeare, há uma cena em que Macbeth vê um punhal à sua frente e indaga se este punhal é verdadeiro ou uma alucinação (FIRTH, 1964, p. 373). Somos convidados a aceitar duas coisas importantes sobre este evento: primeiro, que o punhal é de fato indistinguível de um punhal verdadeiro, a tal ponto que Macbeth considera a possibilidade da sua realidade. Segundo que Macbeth não está delirando, ou seja, a sua alucinação não afeta nenhuma das suas capacidades doxásticas, de forma que o único motivo para que ele acredite ou não que há um punhal à sua frente é a sua experiência. Este tipo de alucinação pode ser contraposto a um delírio, em que o sujeito está predisposto psicologicamente a acreditar na alucinação, independentemente do quão convincente ela é fenomenologicamente.

O primeiro passo do argumento da alucinação é propor a possibilidade de uma alucinação. É descrito que Macbeth tem uma experiência ‘como se fosse de um punhal’, esta descrição é feita de tal forma que ela não se compromete com a existência de um punhal no mundo, ou seja, a mesma descrição da experiência de Macbeth pode ser usada se o punhal for algo no mundo e se for uma alucinação (FIRTH, 1964). A partir daí, é argumentado que aquilo que é responsável por esta experiência de Macbeth não é algo presente no mundo exterior, dado que é uma alucinação. Se não existe nenhum punhal que cause a experiência de Macbeth, é razoável dizer que a sua verdadeira causa é alguma entidade mental. Podemos dizer que esta entidade mental é um dado dos sentidos.

1. Quando eu alucino algo, algo aparece sensorialmente para mim;
2. Aquilo do qual eu estou sensorialmente consciente não é algo do mundo;
3. Então deve ser um objeto mental, um dado dos sentidos.

Tendo estabelecido isso, é dado um passo generalizador. É argumentado que as duas experiências podem ser consideradas fenomenologicamente indistinguíveis, isto é, tanto perceber um punhal verídico quanto alucinar um punhal, na situação descrita, constituem a mesma experiência para Macbeth. Adicionalmente, é argumentado que experiências fenomenologicamente indistinguíveis são da mesma natureza, uma vez que não temos nenhuma forma de distingui-las. Então, conclui-se que, dado que em casos de alucinações estamos conscientes de dados dos sentidos, e alucinações e percepções verídicas são



da mesma natureza, nós também estamos conscientes de dados dos sentidos em casos de percepção normal. Ou seja, quando pensamos que estamos experienciando objetos normais do mundo, estamos na verdade tendo experiências de dados dos sentidos.

1. Objetos fenomenologicamente indistinguíveis são da mesma natureza;
2. A alucinação é fenomenologicamente indistinguível de sua contrapartida verídica;
3. Logo, nossas experiências verídicas também são de dados dos sentidos.

5 RESPOSTA AO ARGUMENTO DA ALUCINAÇÃO

197 Nesta seção, apresentarei duas respostas ao argumento da alucinação. Na primeira, eu concederei a possibilidade de uma alucinação ideal como a apresentada por Firth (1964, p. 373), objetando à premissa 5, ou seja, à possibilidade de uma alucinação ser perfeitamente indistinguível de sua contrapartida verídica. Na segunda, eu argumentarei que temos mais motivos para considerar alucinações como sendo de uma natureza distinta das percepções do que para considerá-las como sendo da mesma natureza. Farei isso a partir das consequências do enativismo com relação à insuficiência do cérebro para a percepção, assim como de considerações empíricas sobre alucinações.

Para responder ao argumento da alucinação, não basta objetar à premissa que introduz objetos mentais, como no argumento da ilusão, tendo em vista que alucinações são puramente mentais em sua natureza, não envolvendo o ambiente em nenhum sentido. Assim, as três primeiras premissas são aceitas sem problemas. Seria necessário, então, objetar ao passo generalizador, ou seja, à premissa 4 ou 5. A concepção enativista da percepção nos permite negar a quinta premissa, afirmando que a alucinação não pode ser completamente indistinguível. Também é possível negar que objetos fenomenologicamente indistinguíveis sejam da mesma natureza, como Austin (1993), mas esta objeção não é necessária para o enativista.

Voltando ao punhal de Macbeth: para que o argumento funcione, é necessário aceitar que ele é perfeitamente indistinguível de um punhal real, mas isto é possível? Se levarmos em conta as consequências da teoria enativista, chegaremos à conclusão que não. Isso se dá porque, para o enativismo, a percepção não pode ser considerada somente em um dado momento, mas sim como algo ativo e temporalmente estendido. Seria aceitável



afirmar que o punhal é convincente para Macbeth em um dado momento, mas aceitar somente isso não seria suficiente para afirmar que ele *tem uma experiência perceptual dele* (é importante notar que o termo ‘percepção’ é usado somente em casos de experiência verídica, então usarei aqui o termo ‘experiência perceptual’ para indicar que o sujeito tem uma experiência completa, não só uma sensação visual sem significado, independentemente de ela ser verídica ou não).

Se quisermos afirmar que Macbeth tem uma experiência perceptual do punhal, no sentido completo do termo, precisamos imaginar que ele tem tempo para interagir com ele, explorar o ambiente ao seu redor, e até mesmo tocar nele. Com isso em mente, fica difícil de acreditar que a alucinação se sustente ao longo de todo este tempo. Como ela é ideal, podemos supor que o punhal interage com as luzes e com a perspectiva da forma esperada, mas se Macbeth o segurasse em sua mão, ele conseguiria perceber, através da propriocepção, que não há nada em suas mãos. Por exemplo, se ele tentasse apertar o punhal entre suas duas mãos, não haveria nada ali para impedir seu movimento, de forma que elas se chocariam. Isto seria um exemplo em que as contingências sensoriomotoras se mostram diferentes em alucinações (mesmo ideais) do que em objetos verídicos. Assim, a alucinação de Macbeth não pode ser considerada completamente indistinguível, na medida em que ela não se sustenta a uma investigação mais atenta, pois ela não é sujeita às mesmas contingências sensoriomotoras a que punhais verídicos são.

A partir disso, não podemos afirmar que a alucinação compartilha sua natureza com percepções verídicas, de forma que não é necessário aceitar a conclusão do argumento da alucinação, e o enativismo pode manter sua posição realista direta sobre a percepção.

Até agora, eu concedi a possibilidade de uma alucinação como a de Macbeth, mas essa concessão é necessária? Tendo em vista que mesmo esta alucinação ideal seria distinguível em algum nível, podemos nos perguntar se uma alucinação que alguém teria na vida real seria tão perfeita quanto o argumento da alucinação precisa que ela seja. Enquanto não é fácil mostrar que tal alucinação é completamente impossível, temos dois motivos para pensar que ela não seja possível: primeiramente, como consequência das ideias enativistas apresentadas acima, de que a percepção é um fenômeno corporal e temporalmente estendido, é difícil acreditar que sejamos capazes de ter tal experiência alucinatória. Em segundo lugar, relatos empíricos pesam fortemente contra a indistinguibilidade das alucinações (SACKS, 2012).

Uma consequência interessante do argumento da alucinação é que, tendo em vista que ele toma alucinações e experiências verídicas como sendo exatamente iguais, e alucinações são supervenientes ao cérebro (isto pode ser debatido, mas tomemos por



enquanto que é este o caso), então ter somente atividade cerebral de um determinado tipo é suficiente para *qualquer experiência*, seja ela de um objeto real, seja uma alucinação (FISH, 2010, p. 14). Esta ideia de que a experiência é superveniente a estados cerebrais não pode ser aceita pelo enativismo, dado o papel do corpo e da ação na percepção para esta teoria. Explorando essas duas concepções diferentes sobre o que constitui a experiência, podemos compreender melhor o que caracteriza as percepções em relação às alucinações para o enativismo e como isso ajuda a responder ao argumento da alucinação.

Para o enativismo, a percepção é constituída pelas possibilidades de movimento do perceptor em seu ambiente, e assim depende fortemente da forma que o corpo deste indivíduo é estruturado. Então, a experiência não depende somente do que acontece no cérebro, uma vez que o conteúdo da percepção é moldado pelos movimentos que um perceptor faz ao longo do tempo, e as diferentes relações com a sensação que estes movimentos têm. Por isso, a percepção é considerada corporificada para o enativismo, e depende não só do estado cerebral, como também do corpo do perceptor e do ambiente em que ele está inserido.

Mas o que isso nos mostra sobre alucinações? Tendo em mente que estados cerebrais são suficientes para alucinações, mas não para percepções verídicas, é possível interpretar que as contingências sensoriomotoras sejam justamente aquilo que diferencia estes dois tipos de fenômeno consciente, tanto fenomenologicamente, como no caso de Macbeth, quanto em sua natureza. O neurologista Oliver Sacks descreve alucinações como sendo uma categoria única da mente, diferentes de imaginações, sonhos ou percepções (SACKS, 2012, p. 4). A teoria enativista consegue responder por que estas alucinações tendem a ser facilmente distinguíveis como tais, mesmo muitas vezes consistindo em ativação das mesmas áreas do cérebro que a percepção de objetos verídicos equivalentes: o que falta é o caráter sensoriomotor.

Um exemplo desta distinção é a síndrome de Charles Bonnet (CBS), que ocorre em indivíduos completamente ou parcialmente cegos, ou com outros danos relacionados ao sistema visual, mas que ainda vêm normalmente no resto do tempo. Ela se manifesta como alucinações visuais, muitas vezes vívidas e detalhadas.¹³ Estas alucinações, no entanto, não são completamente indistinguíveis, os pacientes que têm essas alucinações reportam que muitas vezes os objetos agem de formas inesperadas, como num caso em que o paciente viu uma

¹³ O motivo para a escolha deste tipo de alucinação em detrimento de outras é que as vítimas de CBS continuam perfeitamente lúcidas durante as alucinações, e as experiências também são descritas como podendo ser perfeitamente vívidas, de forma que elas se aproximam tanto quanto possível da alucinação ideal de Macbeth.



carruagem que crescia desproporcionalmente (SACKS, 2012, p. 15)¹⁴. Neste caso, como a teoria enativista nos levaria a imaginar, o que permite a distinção fenomenológica são exatamente os padrões sensoriomotores, ou a falta deles. É importante deixar claro que existem casos em que as alucinações de CBS são convincentes, dado que elas podem ser extremamente detalhadas e às vezes acontecem em contextos plausíveis; no entanto, mesmo nestes casos, os indivíduos conseguem identificá-las depois de alguns minutos. Um paciente, por exemplo, relatou que, mesmo estando incomodado pelo realismo extremo da visão, ele sabia que, se erguesse sua mão, ela passaria direto pelos objetos (SACKS, 2012, p. 32).

Então, é razoável dizer que, uma vez que os indivíduos têm tempo para interagir com o ambiente, e assim perceber no sentido completo do termo, eles conseguem distinguir até mesmo as alucinações mais convincentes. A forma que essas alucinações são distinguíveis é, muitas vezes, através de diferenças sensoriomotoras. Por exemplo, uma paciente relata que via rosas saindo de uma cortina de teatro, mas estas rosas continuavam aparecendo quando ela fechava os olhos. O fato de as imagens desaparecerem quando fechamos os olhos é um exemplo claro de contingência sensoriomotora particular da visão, e um perceptor pode concluir, a partir do fato de que um objeto continua aparecendo para ele quando ele fecha os olhos, que este objeto não é uma percepção, mas sim uma alucinação. Outro exemplo é quando objetos mudam de tamanho de uma maneira que não condiz com o seu movimento no espaço, como no caso da carruagem que aumentava desproporcionalmente (SACKS, 2012, p. 15). Como foi explicado na segunda seção, nossa percepção do tamanho aparente muda conforme os objetos aproximam-se ou se afastam de nós, de tal forma que, quando uma pessoa que tem maestria dos padrões sensoriomotores da visão percebe um objeto aumentando de tamanho sem parecer aproximar-se, ou aproxima-se do objeto, mas ele continua ocupando o mesmo espaço no seu campo visual, ela pode concluir que está alucinando.

A possibilidade desta distinção através do conhecimento sensoriomotor nos aponta para duas conclusões importantes: primeiramente que, se Macbeth fosse vítima deste tipo de alucinação, ele provavelmente também saberia que sua mão passaria direto pelo punhal. Segundamente, que estes exemplos clínicos, quando associados ao enativismo, apontam para uma diferença mais fundamental entre alucinações e percepções: na percepção, não podemos dizer que, se o ambiente e as contingências sensoriomotoras não estivessem presentes, mas o

¹⁴ O uso dos relatos de Sacks (2012) sobre CBS como exemplo de alucinações distinguíveis foi feito por Eros Carvalho (2015, p. 90), mas com a diferença que o autor argumenta a favor de uma interpretação disjuntivista da obra de Austin (1993) e da resposta ao argumento da alucinação.



estado cerebral fosse o mesmo, a experiência também seria a mesma, pois o papel destas características não é apenas causal, o ambiente e as contingências sensoriomotoras *constituem* a percepção. O mesmo não pode ser dito sobre alucinações, e é a falta deste papel externo à cabeça que faz com que elas sejam distinguíveis como tais.

O argumento da alucinação pretende mostrar que a nossa experiência nos põe em contato direto com objetos de natureza mental, e somente indireto com os objetos do mundo, quando eles estão presentes. No entanto, ele subestima o papel constitutivo que o conhecimento sensoriomotor tem na nossa percepção do ambiente, de tal forma que, enquanto alucinações podem ser consideradas como voltadas a objetos mentais, a percepção é voltada ao mundo. Enquanto o argumento apresentado acima não objeta conclusivamente ao argumento da alucinação, uma vez que é infactível provar a impossibilidade de uma alucinação do mesmo caráter que a de Macbeth, eu espero que ele tenha sucesso em mostrar que as diferenças fenomenológicas que existem em alucinações reais são explicadas pelo ponto de vista enativista, e que não temos tantos motivos para acreditar que alucinações e percepções têm o mesmo caráter fenomenológico quanto o teórico dos dados dos sentidos conclui do argumento da alucinação.

201

6 OBJEÇÕES

Nesta seção, eu vou responder a duas possíveis objeções aos meus argumentos. A primeira é que, tendo em vista que, segundo minha resposta, Macbeth precisaria de tempo para distinguir o punhal, poderia ser feita uma adição que objetos fenomenologicamente indistinguíveis *em um dado momento* são da mesma natureza, e a força do argumento da alucinação permaneceria a mesma. Esta reformulação da premissa 4 poderia ser aceita, mas contra a ideia enativista de que a percepção não pode ser considerada apenas em um dado momento. Sobre o tópico de duplicatas neurais, alguém que tem o mesmo estado cerebral que eu em um dado momento, Noë escreve o seguinte:

Se a experiência é temporalmente estendida da maneira que eu sugeri, então uma duplicata mental de mim agora, em um momento no tempo, por força de ser uma duplicata de mim agora, não terá *nenhuma* experiência [...]. Se a duplicata tem alguma experiência, é devido à sua interação



dinâmica e temporalmente estendida com o ambiente (NOË, 2004, p. 218)¹⁵.

Poderíamos considerar que as experiências que surgiriam por ser uma duplicata mental são análogas às que surgem através de alucinações, no sentido de que ambas são experiências de algo que não existe de fato, e ambas têm sua origem no cérebro. Para Noë, então, *em um dado momento* não há nenhuma experiência. Não poderíamos considerar a natureza do fenômeno de que Macbeth está consciente em um dado momento, uma vez que a sua consciência somente pode ser considerada enquanto temporalmente estendida. Para reformular a premissa 4 como proposto aqui, seria necessário primeiro argumentar a favor da instantaneidade da experiência perceptual.

A segunda objeção diz que, enquanto o apelo ao papel constitutivo das contingências sensoriomotoras na percepção aponta para a insuficiência de dados dos sentidos na experiência do mundo, ele não mostra que estes não *fazem parte* da percepção. Eu argumentei que o fator sensoriomotor é algo que está sempre presente na percepção e nem sempre na alucinação, o que indica uma diferença fundamental entre elas. No entanto, o defensor do argumento da alucinação poderia afirmar que isso não significa que os dados dos sentidos não estão presentes na percepção. As alucinações de CBS, por exemplo, são muito vívidas e, ainda que distinguíveis, têm muitas características visuais em comum com a visão normal. Eu não mostrei, diria a objeção, que as entidades mentais responsáveis pelas alucinações também não podem ser responsáveis pela sensação visual normal, com a diferença entre elas sendo a presença dos fatores sensoriomotores na percepção e sua ausência na alucinação.

Para responder a isso, vou fazer uso da consideração de Noë sobre o TVSS (apresentado acima) (BACH-Y-RITA, 1972, 1983, 1984, 1996) e da ideia de que o que define uma modalidade perceptiva são as contingências sensoriomotoras, e não a sensação. O TVSS é um sistema que produz visão através de padrões táteis produzidos na pele, a importância deste sistema para o enativismo é mostrar que as sensações comumente consideradas visuais, o estímulo dos olhos, não são necessárias para a percepção visual. Então, se aceitarmos que a percepção através do TVSS é um tipo de percepção visual, podemos perguntar para o defensor dos dados dos sentidos: no caso do TVSS, qual é o dado dos sentidos que é responsável pela percepção? Ele é visual? Ele é tátil? Se for considerado visual, então os dados dos sentidos são

¹⁵ “If experience is temporally extended in the way I have suggested, then a neural duplicate of me now, at a moment in time, won’t, by dint of being my duplicate now, have any experience at all [...]. If the duplicate does have experience, it will be owing to its dynamic, temporally extended interaction with the environment”.



somente um outro nome para as contingências sensoriomotoras, uma vez que o que define a sua modalidade não é o estímulo em si, mas sim o seu fluxo e o padrão com que ele se apresenta. No entanto, se ele for tátil, então a única coisa demonstrada aqui é que *algum tipo* de entidade mental está presente na percepção. Isso, no entanto, não diz nada fundamental sobre a percepção e não parece contradizer a tese principal do enativismo, de que percebemos o mundo diretamente através do conhecimento das contingências sensoriomotoras. Então, posso conceder a possibilidade de dados dos sentidos estarem presentes na percepção, mas isto não contraria o caráter direto da percepção com o qual o enativismo está comprometido.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível responder ao argumento da alucinação com base na teoria enativista. O foco do Enativismo na importância do conhecimento das contingências sensoriomotoras e no fato de a percepção ser temporalmente estendida e corporificada permite que um perceptor, mesmo num caso de alucinação ideal, a distinga de uma percepção verdadeira. Além disso, a forma que o Enativismo prevê que um perceptor seja capaz de identificar uma alucinação, percebendo diferenças na sua interação com o ambiente e com o próprio movimento (ou seja, nos padrões sensoriomotores), é corroborada por relatos empíricos, como exemplificados aqui os casos de Síndrome de Charles Bonnet, nos relatos de Oliver Sacks (2012). Assim, espero não somente ter respondido ao argumento da alucinação, mas também explorado mais a fundo a forma que a teoria enativista lida com a possibilidade de alucinações, incluindo aquelas que foram estudadas empiricamente.

Restam ainda algumas questões adjacentes ao argumento da alucinação que não foram respondidas aqui, mas poderão ser respondidas em pesquisas futuras. A possibilidade de sonhos (em especial sonhos lúcidos) e sua relação com a percepção é uma delas. Também existem argumentos a partir da realidade virtual e da possibilidade de sermos cérebros em uma cuba que desafiam a posição realista direta do Enativismo e a ideia de a percepção ser um fenômeno corporificado. Estas três questões merecem uma análise mais aprofundada a partir de um ponto de vista enativista, e podem ter como eixo principal outras obras enativistas, como *Out of Our Heads* (NOË, 2009), onde Noë argumenta mais a fundo a favor da ideia, apresentada brevemente aqui, de que nossa experiência não está localizada somente no cérebro, mas sim que ela é um fenômeno corporal.



REFERÊNCIAS

- AIZAWA, Kenneth. Desafio empírico a teorias dinâmicas de percepção e emoção. In: COELHO, J., e BROENS, M. (eds.) *Encontro Com As Ciências Cognitivas: Cognição, Emoção e Ação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 147-167.
- AUSTIN, John. *Sentido e Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- AYER, Jules. *The Foundations of Empirical Knowledge*. London: Macmillan, 1940.
- AYER, Jules. Has Austin refuted the sense-datum theory? *Synthese*, v. 17, n. 2, 1967, pp. 117-140. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20114547>. Acesso em 15 abr. 2022.
- BACH-Y-RITA, Paul. *Brain Mechanisms in Sensory Substitution*. New York: Academic Press, 1972.
- BACH-Y-RITA, Paul. Substitution sensorielle et qualia. In: PROUST, J. (ed.) *Perception et Intermodalité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996, pp. 81-100.
- BACH-Y-RITA, Paul. Tactile vision substitution: Past and future. *International Journal of Neuroscience*, v. 19, n. 1-4, pp. 29-36, 1983. DOI: <https://doi.org/10.3109/00207458309148643>.
- BACH-Y-RITA, Paul. The relationship between motor processes and cognition in tactile vision substitution. In: SANDERS, A.; PRINZ, W. (eds.). *Cognition and Motor Processes*. Berlin: Springer, 1984, pp. 149-160.
- BEATON, Michael. Sensorimotor Direct Realism: How we enact our world. *Constructivist Foundations*, v. 11, n. 2, pp. 265-276, 2016. Disponível em: <http://constructivist.info/11/2/265>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- CARVALHO, Eros. O Argumento da Ilusão/Alucinação e o Disjuntivismo: Ayer versus Austin. *Sképsis*, v. 8, n. 12, pp. 85-107, 2015. Disponível em: <https://philosophicalskepticism.org/revista-skepsis/numero-12/>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- CARVALHO, Eros. Psicologia Ecológica: da percepção à cognição social. In: SOUZA, Marcus José Alves de; LIMA FILHO, Maxwell Moraes de (orgs.). *Escritos De Filosofia V: Linguagem e Cognição*. Porto Alegre: Editora Fi, 2022, pp. 367-393. DOI: <https://doi.org.10.22350/9786559175536>.
- CLARK, Andy; CHALMERS, David. The Extended Mind. *Analysis*, v. 58, n. 1, 1998, pp. 7-19. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3328150>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- FIRTH, Roderick. Austin and the Argument from Illusion. *The Philosophical Review*, v. 73, n. 3, pp. 372-382, jul, 1964. DOI: <https://doi.org/10.2307/2183663>.
- FISH, William. *The philosophy of perception: an introduction*. New York: Routledge, 2010.
- GIBSON, J. J. *The Ecological Approach to Visual Perception, Classical Edition*. New York: Psychology Press, 2015.
- KOHLER, Ivo. (1963). The formation and transformation of the perceptual world. *Psychological Issues*, v. 3, n. 4, pp. 1-173, 1951.
- NOË, Alva. Concept Pluralism, Direct Perception, and the Fragility of Presence. In: Metzinger, T. & WINDT, J. M. (Eds). *Open MIND: 27(T)*. Frankfurt am Main: MIND Group. DOI: <http://doi.org.10.15502/9783958570597>.
- NOË, Alva. *Action in Perception*. Massachusetts: MIT Press, 2004.
- NOË, Alva. *Out of Our Heads: Why you are not your brain, and other lessons from the biology of consciousness*. New York: Hill and Wang, 2009.
- O'REAGAN, John K.; NOË, Alva. What it is like to see: a sensorimotor theory of perceptual experience, *Synthese*: v. 129, pp 79-103, out. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1012699224677>.



SACKS, Oliver. *Hallucinations*. Alfred A. Knopf, 2012.

SIMONS, Daniel J.; CHABRIS, Christopher F. Gorillas in our Midst: sustained inattentional blindness for dynamic events. *Perception*, v. 28, n. 9, pp. 1059-1074, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1068/p281059>.

VERGARA, Jéssica. *A Consciência Estendida*. Porto Alegre. 206 p. Dissertação. UFRGS. 2019.

